

DA MESMA  
MATÉRIA  
QUE OS  
SONHOS  
MAURO  
MALDONATO

SOBRE CONSCIÊNCIA, RACIONALIDADE  
E LIVRE-ARBÍTRIO



Da mesma matéria  
que os sonhos



SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO  
*Administração Regional no Estado de São Paulo*

*Presidente do Conselho Regional*

Abram Szajman

*Diretor Regional*

Danilo Santos de Miranda

*Conselho Editorial*

Ivan Giannini

Joel Naimayer Padula

Luiz Deoclécio Massaro Galina

Sérgio José Battistelli

Edições Sesc São Paulo

*Gerente* Marcos Lepiscopo

*Adjunta* Isabel M. M. Alexandre

*Coordenação Editorial* Clívia Ramiro, Cristianne Lameirinha

*Produção Editorial* Ana Cristina Pinho

*Coordenação Gráfica* Katia Verissimo

*Coordenação de Comunicação* Bruna Zarnoviec Daniel

*Colaboradores desta Edição* Marta Colabone

# Da mesma matéria que os sonhos

SOBRE CONSCIÊNCIA, RACIONALIDADE  
E LIVRE-ARBÍTRIO

*Mauro Maldonato*

edições  
**Sesc**

*Consultoria editorial*

Nurimar Falci

*Tradução*

Roberta Barni

*Preparação*

Silvana Vieira

*Revisão*

Luiza Delamare

*Capa*

Warrakloureiro

*Foto de capa*

???

*Diagramação*

Neili Dal Rovere

1ª edição 2004

---

Copyright © 2014 Edições Sesc São Paulo

Copyright © 2014 Mauro Maldonato

Todos os direitos reservados

Edições Sesc São Paulo

R. Cantagalo, 74 – 13º/14º andar

03319-000 – São Paulo – SP – Brasil

Tel. (55 11) 2227-6520

edicoes@edicoes.sescsp.org.br

sescsp.org.br

# Elogio da racionalidade imperfeita



## Não sabemos que não sabemos

Os dogmas do cientismo talvez representem a herança mais onerosa da modernidade. Mais invasivos que os dogmas religiosos, com frequência alimentaram um racionalismo desmedido (uma *hybris* da razão) que pretendeu explicar tudo, impelindo à margem os inúmeros aspectos não racionalizáveis da vida humana: instintos, pulsões, angústias, sentimentos, paixões. Na tentativa de plasmar, conformar e tornar a projetar a realidade mediante estratégias de engenharia social, o racionalismo, no entanto, não raro se transformou numa heterogênesse das finalidades, ou seja, em fracassos, destrutividade, opressão.

No século xx, muitos progressos científicos e técnicos conflitaram e falsificaram as pretensões e os abusos do cientismo mediante a descoberta de fenômenos complexos e a reelaboração de teorias. Frequentemente, aliás, as metodologias científicas mais criativas e flexíveis forneceram exemplos de moralidade científica, de prontidão à mudança, de busca da verdade como fim, e não como meio. O homem não é, nem nunca será, o deus diante de quem outro homem deve ajoelhar-se. Nenhum homem jamais será onisciente. Isso vale, antes de mais nada, para os cientistas.

Talvez seja essa a lição mais importante que decorre das descobertas e das controvérsias da epistemologia contemporânea. Basta pensar no falibilismo e racionalismo crítico de Karl Popper, na virada epistemológica pós-positivista nas visões de Thomas Kuhn (a estrutura da revolução científica),

de Imre Lakatos (a metodologia dos programas de pesquisa), de Paul Feyerabend (o anarquismo metodológico), de Edgar Morin (a complexidade): teorias divergentes em linhas de pesquisa, mas convergentes ao criarem um clima de pluralismo teórico oposto a todo monismo. Cada uma dessas teorias mostrou, de diferentes perspectivas, que a descoberta científica baseia-se numa ignorância consciente, no controle dos limites da razão. Nessa consciência, nesse saber de que não sabemos nada de absolutamente certo, consiste a sabedoria da tradição que vai de Sócrates a Popper. Se o sábio de Platão é aquele que sabe distinguir entre o bem e o mal, o sábio de Sócrates é aquele que sabe que não sabe, que conhece os limites e os erros gerados pelo conhecimento, quando solicitamos seus mecanismos internos.

O problema da ignorância não é, em âmbito científico, menos importante, fascinante e problemático que em âmbito filosófico. O cientista Heinz von Foerster enfrenta-o de forma original: “O que distingue um cientista de um não cientista é o fato de que o primeiro confessa imediatamente a própria ignorância. De fato, só à base dela surge seu desejo de conhecer. Se soubesse tudo não se colocaria nenhuma pergunta, não daria início a pesquisa nenhuma”<sup>1</sup>. A clássica afirmação socrática “sei que não sei” parece-lhe insuficiente, porque seu campo de forças ainda é o conhecimento.

Afirmando “não saber que não sabe”, Von Foerster levanta a questão da ignorância de segundo grau, do ponto cego em relação a todo o resto: uma região na qual não vemos, sem saber que não vemos. Para encontrar uma solução, explicações de nada adiantam. Estas, de um lado, nos iludem como se nos fizessem compreender a realidade, e, de outro, nos afastam de nosso problema fundamental (o de não enxergar), o que piora, de fato, nossa capacidade de conhecimento.

O progresso científico dos últimos cinquenta anos tornou evidentes alguns limites básicos de nossa capacidade de autocompreensão. Kurt Gödel<sup>2</sup>, especialmente, mostrou a impossibilidade de captarmos a coerência e a completude de um sistema formal dentro desse mesmo sistema. A esse propósito Von Foerster objetou:

1 Heinz von Foerster, “Non sapere di non sapere”. In: Mauro Ceruti e Lorena Preta (orgs.), *Che cos'è la conoscenza*, Roma-Bari: Laterza, 1990, p. 5.

2 Kurt Gödel, *Collected Works – Publications 1938-1974*. v. II. Salomon Feferman, John Dawson, Stephen Kleene, Gregory Moore, Robert Solovay, Jean van Heijenoort (eds.), Oxford: Oxford University Press, 1990.

O princípio de Gödel só é aplicável aos sistemas estritamente formais, mas nem sempre estamos inseridos num sistema formal; não levamos adiante um monólogo, assim como faz um sistema formal, somos animais dialógicos. O problema é semântico e não sintático, e podemos demonstrar que o princípio de Gödel não é aplicável a um universo semântico<sup>3</sup>.

O cientista concentra a própria atenção em questões-limite, amiúde não analisáveis e imprevisíveis, que excedem o âmbito lógico-filosófico, passando para o metafísico. Isso acontece quando tomamos decisões sobre questões que, em linha de princípio, são indecidíveis. Vice-versa, as questões decidíveis dependem de regras que conhecemos. No entanto, elas apresentam questões que permanecem indecidíveis mesmo no âmbito de certas regras, como Kurt Gödel indicou. Mesmo problemas aparentemente evidentes permanecem indecidíveis. Perguntar-se, por exemplo, como teria sido gerado o Universo, é um problema que permanece indecidível. Que fique claro: não que não haja hipóteses, teorias ou narrações sobre as origens do Universo. Só que falta uma resposta unívoca. “Em minha opinião”, conclui Von Foerster, “só podemos decidir as questões indecidíveis, porque as decidíveis já foram decididas com base em algumas regras”<sup>4</sup>.

Como respondemos então à pergunta: representar o mundo ou construir o mundo? A fonte primária do conhecimento é dada por nossa experiência e o mundo é uma sua consequência? Ou a fonte primária é o mundo e a experiência é uma sua consequência? Não há resposta. Cabe a nós decidir. Willam Bartley<sup>5</sup>, influenciado por Popper e Hayek, afirmava, com um aparente paradoxo, ter aprendido do primeiro que, quando dizemos alguma coisa, nunca sabemos o que realmente dizemos; e do segundo que, quando fazemos alguma coisa, nunca sabemos o que realmente fazemos. Se isso é verdade, então, quando dizemos alguma coisa, não sabemos propriamente o que dizemos, se respondermos às infinitas consequências de nossa teoria. Da mesma forma, quando agimos, não sabemos propriamente o que fazemos, dadas as infinitas consequências de nossa ação.

3 *Idem, ibidem*, p. 8.

4 *Idem, ibidem*, p. 10.

5 Willam Bartley, *Ecologia della razionalità*, Roma: Armando Editore, 1991.

Para Hans Georg Gadamer<sup>6</sup>, indiscutível mestre da hermenêutica, uma obra de arte ou um texto literário tem efeitos que só mais tarde se tornarão conhecidos ao intérprete e que o próprio autor não podia conhecer. A criação não é o criador e o texto não se identifica com o autor. Por outro lado, como observou o crítico literário Mikhail Bakhtin<sup>7</sup>, a grandeza de Shakespeare hoje é maior que em sua época, devido ao pleno desdobramento da riqueza polissêmica e do poder expressivo de sua obra teatral, que pôde superar as incompreensões e valer-se de uma enorme variedade de interpretações, de repetidas emoções de espectadores e de inúmeras gerações de leitores. Por esse contínuo afinamento interpretativo e pelo fato de os espectadores de hoje poderem viver a extraordinária experiência de uma linguagem de pura invenção e perfeição formal, os textos de Shakespeare continuam a causar surpresa e admiração. Aliás, percebe-se esse aumento progressivamente, em contraste com a crescente banalização da linguagem diária e midiática.

Claro, o processo da descoberta científica é bastante diferente daquele da criação artística. Ambos, no entanto, têm a ver com surpresa e imprevisibilidade. Nas ciências sociais é útil lembrar a ironia crítica de *A fábula das abelhas*, de Bernard de Mandeville, sua achincalhção dos paradigmas cientificistas e das pretensões planejadoras determinadas pelos efeitos inintencionais das ações intencionais e dos benefícios públicos gerados pelos vícios privados. Escreve Mandeville:

Um numeroso enxame de abelhas morava numa colmeia espaçosa. Ali, em feliz abundância, elas viviam tranquilas. Nunca abelhas viveram sob um governo mais sábio, e todavia nunca houve abelhas mais inconstantes e menos satisfeitas<sup>8</sup>.

A colmeia era o reino da desigualdade, cheia de ladrões, falsários, alcoviteiros, magos e outras pessoas dedicadas a práticas desonestas. “Mas aqueles cujos tráficos eram os mais respeitados, embora na essência pouco diferentes dos primeiros, recebiam um nome mais honrado”<sup>9</sup>. E os que “exerciam alguma função ou tinham algum cargo possuíam alguma espécie de

6 Georg Gadamer, *Verità e método*, Milão: Bompiani, 1992.

7 Mikhail Bakhtin, *Estetica e romanzo*, Torino: Einaudi, 1979.

8 Bernard Mandeville, *La Favola delle Api*, Roma; Bari: Laterza, 1988, pp. 137-146.

9 *Idem, ibidem*, pp. 137-146.

malandragem que lhes era própria”. Naquela situação, aliás, os juriconsultos faziam de tudo para avivar as hostilidades, para arruinar seus clientes e tirar proveito de seus bens. Chegavam mesmo, “para defender uma má causa”, a analisar “as leis com a mesma meticulosidade com que os ladrões examinavam prédios e lojas”. Além disso, os padres eram “sem-vergonha como batedores de carteira, descomedidos como marinheiros”. Os ministros enganavam seu rei e, impunes, saqueavam o tesouro. Porém, mesmo “sendo cada casta tão cheia de vícios, a nação em si desfrutava de uma feliz propriedade. Os vícios dos privados contribuíam à felicidade pública. Desde que a virtude, instruída pelas malícias políticas, aprendera os inúmeros e fáceis embustes da astúcia, e desde que travara amizade com o vício, até os mais perversos faziam alguma coisa para o bem comum”<sup>10</sup>.

Ora, já que o vício produzia a astúcia, e esta se empenhava em laboriosidade, aos poucos a colmeia foi abandonando todos os confortos da vida. Para Mandeville, não devemos nos escandalizar com o fato de os vícios privados gerarem virtudes públicas. Isso acontece quando interações humanas individuais e relações sociais se libertam das prisões ideológicas. Essa dinâmica, aliás, é bem conhecida pela tradição do pensamento cristão: “Impediríamos muito do que é útil se todos os pecados fossem severamente proibidos”<sup>11</sup>.

Efeitos inintencionais, decidir o indecível, explicar o inexplicável: figuras de fronteira entre a ciência e a filosofia. Mas não é só a ciência a explorar o desconhecido: o mito também é um caminho para enfrentar o desconhecido, para resistir à angústia que os excessos de realidade provocam. Paul Ricoeur<sup>12</sup> fala de *metáforas vivas* geradas ininterruptamente pela linguagem e pela poesia, audaciosas pontes entre mundos (ideias e imaginação) que desde sempre estamos acostumados a considerar separados. A abordagem científica não pode ser apenas conceitual, tem de abrir-se a imagens, aproximações, conexões, encontros inusitados. Hans Blumenberg<sup>13</sup> questionou o nexos entre pensamento não conceitual e pensamento

10 *Idem, ibidem*, pp. 137-146.

11 São Tomás de Aquino, *Suma Teológica* II, II, ca. 78,1.

12 Paul Ricoeur, *La metáfora viva*. Dalla retorica alla poetica: per un linguaggio di rivelazione. Traduzione G. Grampa. Milano: Jaca Book, 2010.

13 Hans Blumenberg, “Paradigmen zu einer Metaphorologie”. In *Archiv für Begriffsgeschichte*, n. 6 1960, pp. 7-142. Trad. it.: “Paradigmi per una metaforologia”, a c. di M.V. Serra Hansberg, intr. di E. Melandri, Bologna: Il Mulino, 1969.

conceitual. Subtraindo as metáforas ao papel de mera introdução à racionalidade, ele lhes devolveu autonomia, apontando-as como a trama sutil que é o pano de fundo de nossa consciência, onde repousam nosso pensamento, nosso sentir, nosso crer: a esfera do que não é explicitamente teorizado ou tematizado, a “zona de sombra” que permite que nossa palavra e nosso pensamento se distingam do não dito ou impensado. Assim, qualquer enunciado nosso tem sentido, porque se inscreve no pano de fundo de um mundo simbólico pressuposto.

Assim, se os conceitos têm a ver com uma consciência determinada, as metáforas, ao contrário, referem-se ao mundo vital, como iluminações transversais que esclarecem os nexos significativos que não podem ser logicamente derivados. Por sua clareza e univocidade, os conceitos puros pagam um preço alto: a perda da multiplicidade de sentidos do mundo da vida. Ao contrário, as metáforas são ambíguas e têm referências muito amplas. Por mais vagas e imprecisas que sejam, no entanto, elas se ligam ao “mundo da vida”. Paradoxalmente, por esse mesmo motivo, a ciência, sem saber o que fazer com elas, coloca-as à margem. Mas nem mesmo o pensamento mais abstrato pode abrir mão delas.

### O (DES)CONHECIMENTO DO CAMINHO

Nenhum caminho pode ser conhecido com antecedência. O próprio caminho – mas podemos recorrer a outras metáforas, como a rota, a navegação, a viagem etc. – é uma experiência. Tanto a língua latina quanto a alemã têm palavras, como *ex-pereor* ou *er-fahrung*, que traduzem o termo experiência como viajar, atravessar. Ampliando seu halo semântico, “fazer experiência” pode significar navegar. Como deixar de pensar aqui no mito de Ulisses, o herói “belo de fama e desventura”, que muito viajou, muito sofreu e por isso está em condições de atravessar obstáculos divinos e humanos?

Não é ousado aproximar essa ideia da viagem do sentido da pesquisa científica que emerge dos paradigmas pós e antipositivistas. Ainda que o mundo secularizado (e tecnicizado) e o aparecimento do homem copernicano tenham delineado uma antítese radical entre mito e razão, novas descobertas e mudanças de paradigmas deslocaram os limites do que é inexplicável e indecível, entrando para o acidentado e empolgante território da

ignorância consciente. Não se trata de buscar novidades absolutas, mas de seguir o rastro da persistência de histórias, linguagens, tradições.

Para Gadamer (1992), assim como para o último Wittgenstein, é ingênuo pensar no ânimo humano como uma tábula rasa sem condicionamentos ou conhecimentos prévios. De fato, segundo Gadamer, quem quisesse colocar tudo em dúvida nem chegaria a duvidar, já que o próprio jogo da dúvida pressupõe a certeza. Pois, de acordo com o filósofo alemão, as crianças só aprendem por acreditarem nos adultos: a dúvida só chega depois da crença. Compreendemos alguma coisa, portanto, só porque já a “pré-compreendemos”. Uma ideia que acolhemos nos marca, nos orienta. Mas isso vale apenas até que a aprofundemos por ter se tornado problemática e insatisfatória.

Não há dúvida: toda pré-compreensão é um preconceito. Nossa tradição é, por inteiro, uma rede de preconceitos. Mas o preconceito não é um julgamento falso, algo intimamente negativo. Sempre julgamos, necessariamente, desde um ponto de vista limitado e antes ainda de termos compreendido a fundo a questão. Ninguém está isento de preconceitos; quem acredita estar imune aos preconceitos, confiando na objetividade do método e negando as circunstâncias históricas que o condicionam, mais cedo ou mais tarde será influenciado pelos preconceitos que o guiarão, como uma força às suas costas, de maneira inconsciente e descontrolada.

Todos nós, portanto, somos marcados pela tradição. Mesmo que quiséssemos, não poderíamos livrar nossos preconceitos de nossos pré-condicionamentos históricos. Não podemos apagar a história escrita na “folha” de nossa vida. Podemos apenas reescrevê-la, reelaborá-la, incessantemente.

#### A IGNORÂNCIA DAS SOLUÇÕES UNÍVOCAS

Um método científico flexível poderia ser comparado a um “jogo”, cujas regras são válidas para todos os participantes e que solicita suas capacidades criativas dentro de um contexto estabelecido. Ou seja, um jogo que pressupõe certa dose de ignorância e, acrescentemos, de distração e presunção. De maneira sutil e penetrante, Paul K. Feyerabend recorda que:

[...] não há ideia que não se despedace quando examinada em detalhes. Isso nos leva imediatamente à segunda limitação: nem as

teorias nem as ideias podem guiar as ações humanas ou justificá-las uma vez que elas tenham sido levadas a termo. O motivo é que o universo das ideias é dominado pelo conflito, que, se os homens deixassem descontrolado, permitiria, ordenaria, vetaria qualquer tipo de ação. Mas os homens agem, e o fazem de modo mais ou menos coerente. Aliás, não podemos acrescentar nada sem uma considerável quantidade de ignorância, distração, presunção, e estaríamos perdidos sem aquele estranho e impenetrável fenômeno que chamamos escolha<sup>14</sup>.

Toda vez que as ideias de realidade ou de racionalidade se tornam parte de uma escolha, elas próprias mudam, pois os conceitos dependem dos modos como influenciam as ações. Nesse sentido melhores as escolhas múltiplas que as unívocas. A univocidade não indica, de modo algum, o caminho certo. Os problemas sempre apresentam muitas soluções, não apenas uma. Soluções unívocas são resultado de ignorância ou negligência, não de conhecimento profundo.

Diante da pergunta sobre como se orientar, o filósofo da ciência Fejerabend surpreende como sempre e sugere que se decomponha o “nós” em um “você” e um “eu” como partes de uma entidade desconhecida que poderíamos chamar de Ser. Nós desafiamos o tempo todo o Ser, recebendo em troca respostas diferentes a mundos manifestos, como os define Fejerabend. Num mundo manifesto é possível separar os atos de observação dos objetos ou dos fatos observados. Isso, no entanto, não quer dizer que as “coisas observadas” coincidam com o Ser.

Como todo mundo identificável, o mundo que permite a separação é uma resposta do Ser e, além disso, é diferente do próprio Ser. Identificar os mundos manifestos mais conhecidos com o Ser não só desvaloriza os outros mundos manifestos que são igualmente claros como revela também uma considerável falta de perspectiva. Imaginem que algumas de suas bactérias intestinais comecem a pensar e desenvolvam uma visão de mundo. Por acaso não riríamos delas se declarassem que o cosmo por elas descoberto representa o mundo todo e que as leis válidas nele valem em toda parte?

14 Paul Karl Fejerabend, “Idee: balocchi intellettuali o guide per la vita”. In: Mauro Ceruti *et al.* (org.), *Il caso e la libertà*, Roma-Bari:Laterza, 1994, p. 30.

Todavia, é isso que estamos fazendo e que fizemos durante séculos. Embora minúsculos com relação à história da vida, e absolutamente insignificantes com relação à história da matéria segundo nossa reconstrução, pretendemos ter resolvido o enigma do Universo. Tais pretensões e tal vaidade “devem ser espezinhadas na poeira” (Montaigne) é universalmente conhecido, se quisermos obter uma melhor e mais correta avaliação de nossas capacidades e resultados.

O cientista é um especialista do desconhecido, alguém que assume até o fim o sentido e o valor altamente científicos da afirmação nietzschiana nada “científica” de que “é do caos que nascem as estrelas”.





## Sobre o autor

**M**auro Maldonato é médico psiquiatra. Professor de Psicologia Geral na Università della Basilicata, estudou na Universidade La Sapienza (Roma), em Federico II (Napoli), na London School of Economics (Londres) e na École des Hautes Études en Sciences Sociales (Paris).

Foi professor visitante na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), na Universidade de São Paulo (USP) e na Duke University (EUA). Dirige o Cognitive Science Studies for the Research Group, na Duke University. Diretor científico da Settimana Internazionale della Ricerca, é autor e curador de livros e artigos científicos publicados em diversos idiomas.

No Brasil, é colaborador das revistas *Scientific American* e *Mente e Cérebro*, além de pesquisador convidado do Núcleo de Estudos Africanos do Laboratório de Teoria da História do Departamento de História da USP.

Recebeu o prêmio Vasco Prado para as Artes e as Ciências, promovido pela Universidade de Passo Fundo, durante a XI Jornada Nacional de Literatura, em 2005. Em 2012, foi agraciado com o prêmio internacional Conference on Time, pela Universidade dos Emirados Árabes.

FONTE: THE SERIF | PAPEL: PÓLEN BOLD 90G/M

DATA: 04/2014 | TIRAGEM: 1.500

IMPRESSÃO: NONONONON



CONCEBIDO PARA DIVULGAR AO GRANDE PÚBLICO AS IDEIAS QUE O AUTOR JÁ HAVIA DESENVOLVIDO EM ARTIGOS E ENSAIOS ESPECIALMENTE PUBLICADOS NAS REVISTAS *SCIENTIFIC AMERICAN* E *MENTE & CÉREBRO*, ESTE LIVRO DE AUTORIA DO PSIQUIATRA E PENSADOR ITALIANO MAURO MALDONATO, CONSTITUI UMA PODEROSA RADIOGRAFIA DAS TENDÊNCIAS E DO DEBATE EM ANDAMENTO NAS NEUROCIÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS. OS 16 TEXTOS DA COLETÂNEA TRAZEM O BEM-VINDO CONFRONTO ENTRE CIÊNCIA E FILOSOFIA, HABILMENTE MANEJADO PELO AUTOR QUE CONCLUI: "É PRECISO, RECONHECER SERENAMENTE QUE, APESAR DOS PRODIGIOSOS RESULTADOS EMPÍRICOS, AINDA NÃO ESTAMOS EM CONDIÇÕES DE COMPREENDER FENÔMENOS COMO A PERCEPÇÃO, A CONSCIÊNCIA, A DECISÃO, A CONSCIENTIZAÇÃO CONSCIENTE, O LIVRE-ARBÍTRIO E ASSIM POR DIANTE".

O LIVRO NÃO ECOA SOMENTE EM SEU TÍTULO A FALA DE PRÓSPERO EM *A TEMPESTADE*, DE WILLIAM SHAKESPEARE, OS TEXTOS SÃO ESCRITOS COMO SE FOSSEM CONTAS DE UM GRANDE COLAR CHAMADO CIÊNCIA, ATADAS PELO FIO DE UMA FECUNDA IMAGINAÇÃO, TÃO HABILMENTE CULTIVADA PELO AUTOR.